

Sarney insiste em pacto de transição

Carlos Absalão

Arquivo/08-10-80

Duas semanas após reafirmar sua proposta de entendimento partidário, o Senador José Sarney, presidente nacional do PDS, volta a insistir na formação de um pacto político para a transição democrática, convencido de que este é o único meio adequado, no momento, para garantir a continuidade do processo de abertura sem traumas.

O dirigente pedessista, que empreende um ciclo de viagens pelos Estados para motivar o PDS para as eleições gerais do próximo ano, lamentou que seus apelos para o entendimento não estejam sensibilizando a Oposição. Ele encara tal comportamento como uma demonstração de que os ressentimentos ainda estão presentes e de que a anistia funcionou apenas para os que estavam fora do país, exilados.

PAZ ARMADA

Ele queixou-se do fato dos opositores que aqui permaneceram não terem ainda desarmado seus espíritos, quase um ano e meio depois de dada a anistia: "Não podemos ficar na paz armada".

O Senador falou neste pacto pela primeira vez há seis meses, pouco depois da série de atentados a bomba que culminou com a morte da funcionária da OAB, Lyda Monteiro da Silva, e a mutilação do jornalista José Ribamar de Freitas, tio e chefe de gabinete do Vereador carioca, Antonio Carlos de Carvalho (PMDB).

Naquela ocasião o Senador considerou necessário procurar este entendimento partidário para tentar absorver as reações contrárias ao processo da abertura. Agora, no momento em que os militares repelem decididamente qualquer iniciativa revanchista, o dirigente nacional do PDS lembra que não se deve ter esta consciência apenas no momento das crises: "Devemos também procurar evitar as crises".

O Sr José Sarney lamenta que a Oposição perceba a importância deste pacto político, esquecendo-se de que o Presidente da República lhe confiou a missão de percorrer os Estados para motivar o PDS e prepará-lo para disputar os Governos estaduais, pelo voto direto, no próximo ano. Embora esteja levantando as necessidades do PDS, o Senador acredita que o maior beneficiário de sua missão será a própria Oposição, porque, na medida em que o PDS se engaja nas sucessões estaduais abre para a Oposição, pela primeira vez em 12 anos, a perspectiva de ela disputar o poder nos Estados em condições de igualdade, pelo voto popular.

Portanto, quem tiver voto, leva. Foi isto o que o Presidente Figueiredo garantiu e é isto

que o Senador José Sarney está alertando, em sua peregrinação pelos Estados.

O Senador tem-se mostrado, porém, preocupado com a atuação dos grupos radicais da Oposição, que insistem na confrontação e jogam na esteira do quanto pior, melhor. São estes grupos que, na sua opinião, impedem a articulação deste pacto político. São os mesmos grupos que agora tentam isolar o Governo, pregando a proibição das coligações com o PDS.

Nos contatos que manteve com as lideranças do seu Partido, na Bahia e no Rio de Janeiro, o Senador não escondeu seus pensamentos, mostrando-se apreensivo com a condução da abertura no plano político, diante do comportamento destes grupos radicais.

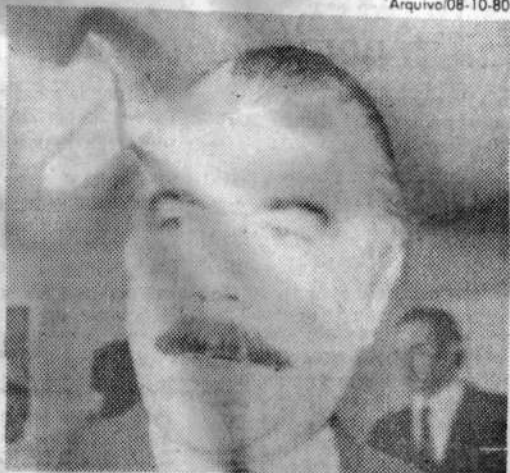
Ele tem advertido, na intimidade, para o exemplo da Argentina, que viveu um período de franca abertura, com a volta de Perón, e agora está com todas as atividades políticas riscadas: não há Congresso, nem Legislativos estaduais ou municipais funcionando, nem Partidos políticos. Toda a atividade política do país ficou suspensa.

QUESTÃO ECONÔMICA

Os reflexos da situação econômica do país, no plano político, talvez sejam a maior preocupação que o Senador tem encontrado nos 11 Estados que já percorreu. A maior reclamação é como justificar, na campanha eleitoral, as medidas adotadas no combate à inflação se o Partido não influiu nada. Também neste ponto o Senador tem procurado estimular as bases, destacando a importância da vitória do PDS nas eleições de 1982 para a partida principal que será disputada dois anos depois, quando a sucessão presidencial colocará o próprio Governo federal em campo.

Por isto, no relatório que apresentará ao Presidente da República, apontará todos os problemas que está levantando para as providências que o General Figueiredo julgar necessárias, pois a partida preliminar da sucessão presidencial será jogada em 15 de novembro de 1982 e o PDS só conseguirá aumentar seu poder ofensivo se for logo escalado o time que pode jogar e se começar a participar dos treinamentos desde já.

Parece ainda muito cedo para se vislumbrar qualquer mudança de orientação de Governo, porém é quase certo que, se o quadro se mantiver inalterado, além da força da Oposição nos grandes centros urbanos, o PDS ainda terá contra si os reflexos das decisões do Governo no campo econômico.



José Sarney

Missão agora vai ao Sul

O Senador José Sarney reíncia amanhã sua missão, de levantar as possibilidades eleitorais do PDS, percorrendo os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas Gerais.

A última etapa de sua missão será realizada provavelmente na segunda semana de março e abrangerá os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Mato Grosso do Sul e Amazonas.

PDS quer racionalizar eleições gerais de 82

A organização das eleições gerais de 15 de novembro de 1982 tem sido um dos temas predominantes dos contatos que a missão Sarney vem realizando nos Estados com as lideranças locais do PDS.

A maioria dos que têm abordado o problema mostra-se preocupada com a possibilidade de haver confusão no dia da eleição, pois o eleitor terá que votar ao mesmo tempo para seis eleições: vereador, prefeito, deputado estadual, deputado federal, senador e governador. O receio é de que, se confundindo, o eleitor acabe anulando o seu voto, involuntariamente.

O Senador recebeu muitas sugestões, na Bahia, no sentido de racionalizar a votação para diminuir este risco de confusão. Entre as sugestões, há uma para descoincidir as eleições, embora mantendo o caráter da coincidência dos mandatos. Esta sugestão foi

logo descartada pelo alto custo que representara, além das dificuldades que traria para a mobilização do eleitorado para participar de votações em dias diferentes.

O aumento do número de seções eleitorais, com a redução do núcleo de eleitores inscritos nas seções existentes foi uma das sugestões bem aceitas. Outra sugestão bem recebida foi a de se adotar chapa única para os seis cargos em disputa. A medida talvez dificultasse um pouco o trabalho da apuração, mas facilitaria ao eleitor, principalmente pelo tempo que terá de gastar na cabina eleitoral, tendo de manusear seis cédulas diferentes, votar em cada uma delas e depois envelopá-las.

O Senador José Sarney considerou tais sugestões muito boas e mostrou-se disposto a discutir estas providências de ordem prática com os dirigentes dos Partidos de Oposição.